

Um grito especial 06/06/2003

Muitas vezes, não se atribui credibilidade a pessoas com deficiência que sofreram violências sexuais

Comentário SACI: *Matéria publicada em 15 de maio de 2003.*

Para discutir essa questão, abrimos a lista violencia@listas.saci.org.br. Para se inscrever na lista, envie um e-mail para violencia-subscribe@listas.saci.org sem colocar nada no corpo da mensagem. Participe!

Ângela Bastos

O abuso sexual contra crianças e adolescentes com deficiência mental ou física é mais comum do que se imagina. Assim como em muitos casos de violência doméstica, o fenômeno também está encoberto. A falta de credibilidade à fala da vítima - na maioria das vezes acusada de estar fantasiando - por dificuldades de se expressar é um dos fatores que contribuem para o tema não estar à tona.

- Se para uma criança considerada 'normal' é tão difícil verbalizar, imagine quando a pessoa nem sempre consegue falar ou mesmo ouvir corretamente - diz Claudia Werneck, jornalista, escritora e diretora-executiva da ONG Escola de Gente - Comunicação em Inclusão, com sede no Rio de Janeiro.

A especialista reclama da incapacidade da sociedade de mensurar o problema:

- Nunca vi uma pesquisa nacional que abordasse essa questão. Será que as organizações governamentais e não-governamentais que se dedicam a atender jovens que sofreram abuso sexual não recebem jovens com deficiências física, mental, auditiva, visual ou múltipla? - pergunta - Ou será que encaminham uma criança com Síndrome de Down ou com paralisia cerebral para instituições especializadas, alegando não estarem preparadas para lidar com ela?.

Claudia desconhece campanha nacional que tenha distribuído folderes em braile sobre prevenção de abuso sexual.

- Será que os responsáveis pelas políticas públicas acreditam que meninas e meninos cegos não devem aprender a se prevenir do perigo também?.

Outra questão é com relação aos surdos:

- Nem sempre nas palestras abertas à comunidade há intérpretes de Libras, a língua brasileira de sinais, para que cidadãos surdos possam se beneficiar dela - ressalta.

A escritora observa que a maioria dos sites que discute a violência sexual contra a infância dificulta o acesso de pessoas com deficiências.

- Se medidas não forem tomadas, estaremos acintosamente desprotegendo uma parcela enorme da população.